

AFOXÉ: A ARTE NO COMBATE AO RACISMO E PRECONCEITO NA REGIÃO DO VALE DO SÃO FRANCISCO

AFOXÉ: ART IN COMBAT RACISM AND PREJUDICE IN THE SÃO FRANCISCO VALLEY REGION

Flávia Vieira de Sá Barreto ¹

Marcus Vinicius Santana Lima Almeida ²

Resumo: Este trabalho versa sobre o grupo Afoxé Filhos de Zaze e suas atividades propostas no combate ao racismo e preconceito na região do Vale do São Francisco. Entre os seus objetivos está a necessidade de entender o processo de apropriação dos espaços públicos da cidade pela população negra, sobretudo, por meio da atuação e da arte dos Filhos de Zaze – manifestação cultural criada pelos integrantes da casa de axé Ilé Asé Ayrá Onyndancor. Dessa forma, com foco na atuação e no combate ao racismo e preconceito através dos eventos que o Zaze participa e promove e na utilização da arte como um caminho para a transformação da realidade através das manifestações culturais. Esse escopo teórico-metodológico resulta num projeto de pesquisa, ainda em fase inicial, que busca colocar em evidência áreas afastadas do centro da cidade, apresentando o protagonismo de sujeitos historicamente invisibilizados. **Palavras-chaves:** Afoxé, Vale do São Francisco; Patrimônio Cultural.

Abstract: This work focuses on the Afoxé Filhos de Zaze group and its proposed activities in combating racism and prejudice in the Vale do São Francisco region. Among its objectives is the need to understand the process of appropriation of public spaces in the city by the black population, particularly through the action and art of the Filhos de Zaze - a cultural manifestation created by the members of the Ilé Asé Ayrá Onyndancor axé house. Thus, with a focus on action and combating racism and prejudice through the events that Zaze participates in and promotes, and the use of art as a pathway for transforming reality through cultural expressions. This theoretical-methodological scope results in a research project, still in its initial phase, which seeks to highlight areas away from the city center, presenting the protagonism of historically marginalized subjects. **Keywords:** Afoxé, São Francisco Valley; Heritage.

¹ Mestranda em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do São Francisco (PPArque - Univasf). Bolsista pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: flaviavieira763@gmail.com

² Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e docente do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do São Francisco (PPArque - Univasf). E-mail: marcus.lima@univasf.edu.br

Introdução

O Afoxé Filhos de Zaze surge como uma resposta vigorosa às limitações impostas pelo racismo e pelo preconceito religioso, buscando transcender as quatro paredes do terreiro e reivindicar espaço nas ruas e avenidas, onde a presença negra muitas vezes é invisibilizada. Este projeto nasce com uma missão clara: afirmar a identidade negra, valorizar os traços da mulher preta e resistir à marginalização através de estratégias e táticas engenhosas. Ao colocar em discussão a trajetória cultural e memória dos integrantes, incluindo figuras proeminentes como José Rosa, Zenaide Rosa e Mãe Edna, o grupo busca redefinir e ressignificar sua presença na sociedade.

Ao longo de sua jornada desde a fundação, em 2011, até os dias atuais, o Afoxé Filhos de Zaze tem promovido uma série de atividades e eventos destinados a empoderar a comunidade negra e desafiar as estruturas de poder estabelecidas. Desde a escolha da musa do Zaze até o processo de confecção das indumentárias e camisas vendidas durante o carnaval, o grupo tem sido um catalisador de mudança, estimulando o orgulho racial e celebrando a cultura afro-brasileira.

Um dos aspectos mais marcantes do trabalho do Zaze é sua dedicação à valorização e empoderamento da beleza negra. Em um contexto em que os padrões de beleza eurocêntricos dominam, o grupo se posiciona de forma desafiadora, promovendo uma estética que celebra os traços únicos e a diversidade da comunidade afrodescendente. Eventos como o “Musa do Zaze” exemplificam esse compromisso, oferecendo uma plataforma para que jovens negras se vejam representadas e reconhecidas como belas e dignas de respeito.

Assim, o Afoxé Filhos de Zaze transcende sua função como um grupo carnavalesco, tornando-se um símbolo de resistência e luta contra o racismo e todas as formas de opressão que afetam as comunidades negras. Ao usar a arte como uma arma política, o Zaze se torna uma força motriz na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a presença e a contribuição dos negros são plenamente reconhecidas e valorizadas.

Afoxé: expressão de resistência e liberdade

Antes de iniciar a discussão sobre a importância do grupo Afoxé Filhos de Zaze, é necessário contextualizar a diversidade das práticas culturais que o envolve. Nesse sentido, para nos ajudar a compreender o que é essa manifestação religiosa, inicialmente apresentaremos uma breve

introdução sobre a formação das religiões de matriz africana no Brasil e, mais adiante, definiremos o que vem a ser o Afoxé, a partir da interpretação de autores como Raul Lody (1976),IVALDO Marciano de França Lima (2007), Martha Rosa Queiroz (2010) e Ester de Monteiro Souza (2010), que se debruçaram nos estudos dessa manifestação cultural.

A principal porta de entrada das religiões de matriz africana no Brasil é decorrente do período escravista, no qual os traficantes de pessoas escravizadas prendiam e comercializavam africanos de diversas partes do continente para serem explorados como mão de obra nas Américas: “o negro africano, enquanto escravo, só interessou ao brasileiro branco como mão-de-obra” (Bastide, 1961, p. 7). O antropólogo Wagner Gonçalves da Silva, comentando a condição social dos escravos, relata que “aqui tiveram de viver sob um regime que não lhe conferia o status de pessoa; eram vistos como meras “peças”, compradas e revendidas como coisas” (Silva, 2005, p. 29).

Vistos como mercadorias, os africanos não tinham valor como seres humanos, suas culturas e religiões eram igualmente desvalorizadas. Eram obrigados a se converter à religião católica através da catequese, a qual “competia a Igreja aplicar os sacramentos básicos que os transformassem de pagãos, pecadores, em cristãos” (Silva, 2005, p. 32).

Como exemplo desse processo de desvalorização da cultura negra na colônia, os membros que formavam a Igreja Católica ignoravam e repudiavam a importância dos conhecimentos e saberes dos pretos e pretas adquiridos ao longo dos anos sobre ervas ou rituais de cura de determinadas doenças, considerados ritos ancestrais oriundos do continente de origem. Entretanto, a catequese não eliminou as raízes culturais e religiosas dos negros, que continuavam a praticar as suas manifestações nos terreiros e senzalas.

Em tais condições de exploração, os africanos e afrodescendentes organizaram estratégias de resistência, faziam seus cultos no breu das senzalas e dos matagais, utilizavam de táticas que, segundo o conceito do historiador Michel de Certeau, “só tem por lugar o do outro...tem constantemente que jogar com os acontecimentos para transformar em “ocasiões” (Certeau, 1998, p. 46-47). Ocasões essas que permitiam que eles expressassem sua cultura, mesmo que aos olhos dos colonizadores fosse algum tipo de algazarra ou baderna, como relatados em vários registros de cronistas, religiosos e memorialistas do século XIX, por exemplo. Nessa perspectiva,

entre oportunidades e ocasiões, foi possível que as práticas culturais afrodescendentes continuassem vivas, pois, inicialmente, fazia sentido para quem as praticava, independentemente do lugar ou modo de como estavam sendo realizadas.

A partir do século XVI, começam a surgir diversos nomes para as religiões afrodescendentes que “até o século XVIII parece ter sido calundu, termo de origem banto, que ao lado de batuque ou batucajé designava e abrangia imprecisamente toda sorte de dança coletiva, cantos e músicas” (Silva, 2005, p. 34). Os calundus se espalharam por diversas regiões do Brasil até o século XIX, quando passou a ser conhecido como Candomblé.

Os primeiros estudos sobre as religiões afrodescendentes começam a surgir por volta do século XIX, no ano de 1895, a partir dos relatos de Nina Rodrigues, que foi um dos primeiros autores a começar a estudar as religiões afro-brasileiras. No entanto, o interesse de Nina Rodrigues no estudo das religiões, não era exatamente o de conhecer a cultura, segundo o professor Roger Bastide (1961):

Nina Rodrigues acreditava na inferioridade do negro e em sua incapacidade para se integrar na civilização ocidental. Como médico legista e psiquiatra, não viu nada mais que simples manifestações de histeria nos transe místicos e nas crises de possessão que caracterizam o culto público dos africanos brasileiros. (Bastide, 1961, p. 7).

Segundo a historiadora Solange Andrade, referindo-se à religiosidade dos africanos escravizados, “muitas vezes, é vista como uma manifestação de credence, supersticiosa ou distorcida da religião oficial” (Andrade, 2013, p. 13), a qual é totalmente deslegitimada, por não seguir os padrões estabelecidos pela cultura dos dominantes. Dito isto, as práticas culturais negras são inferiorizadas, destituídas de valor e credibilidade perante o olhar etnocêntrico, cristão e branco do ocidente:

Os cultos afro-brasileiros por serem religiões de transe, de sacrifício animal, de culto a deuses da natureza e por apresentarem geralmente uma ética que não se baseia na visão dualista do bem e do mal estabelecida pelas religiões cristãs, têm sido associados a certos estereótipos como “magia negra”, superstições de gente ignorante, práticas diabólicas etc. (Silva, 2010, p. 93).

A partir de 1940, esse tipo de pensamento preconceituoso é confrontado por Abdias do Nascimento, por meio do Teatro Experimental Negro, grupo que lutava pela valorização da cultura negra. Alicerçado nesse pensamento começaram a surgir diversos tipos de movimentos negros como o Movimento Negro Unificado e o Movimento Negro Empoderado, que tinham como tema principal o combate ao racismo e “de valorização do universo cultural africano e afro-brasileiro e de articulação entre a luta contra o racismo com a necessidade de mudanças na estrutura política do país” (Queiroz, 2010, p. 103).

Nesse contexto, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, começaram a surgir os primeiros grupos de afoxé, como uma forma de resistência e uma tática de permanência em meio ao jogo de poder e repressão liderado pelo Estado. Para Ivaldo Marciano Lima, “os afoxés [em Pernambuco] constituíram o local por excelência dos militantes negros nos anos 1980 e 1990, e aglutinaram boa parte dos maiores expoentes do movimento negro que ainda hoje se encontram em atividade política” (Lima, 2007, p. 164).

Nesse sentido, gostaríamos de trazer o significado da palavra afoxé, para melhor entendimento da forma de expressão em estudo. Segundo Olga Cacciatore (1977, p. 38) “é um rancho negro que sai durante o carnaval, na Bahia. É uma festa semirreligiosa como uma obrigação de certos candomblés”.

Destaco que o ano (1977) em que a autora escreve essa definição, ela coloca a manifestação como exclusiva da Bahia, pois, ainda não era popularizado o afoxé em outros estados. É importante debater a palavra “semirreligiosa” utilizada, isto porque o afoxé antes de sair para o desfile faz um ritual religioso e o leva para as ruas através das músicas, das danças, da indumentária, entre outros elementos diretamente ligados às religiões de terreiro.

O antropólogo Raul Lody define afoxé como “um cortejo de rua que detém aspecto místico, mágico e, por conseqüente religioso e passam por grandes modificações, como todo o fato folclórico, sujeito e aberto às modificações socioculturais” (Lody, 1976, p. 16). Temos nessa definição um pensamento dualista de interpretar o mundo, pois a classificação que o antropólogo faz sobre o afoxé está diretamente ligada ao pensamento colonial, onde as manifestações culturais afro-brasileiras eram consideradas como algo mágico, místico, como se

a religião dos colonizadores também não preservasse elementos de magia nas suas liturgias – basta citarmos o momento solene da transubstanciação no catolicismo.

Dialogamos, neste sentido, com o conceito de Peter Burke (2004) sobre hierarquização cultural, sendo o catolicismo a religião dos colonizadores e as manifestações culturais negras, entre elas, as religiões de matrizes africana, do povo, as quais envolviam formatos menos solenes ou pouco convencionais, aos olhos dos colonizadores, de reverenciar o sagrado.

Afoxé Filhos de Zaze: a presença negra no Carnaval do Vale do São Francisco

Os Filhos de Zaze representam uma verdadeira ruptura no cenário cultural do Vale do São Francisco, sendo o primeiro e único grupo de afoxé a estabelecer-se na região. A localização da sede do grupo, situada na rua Pingo de Ouro, no bairro do Quidé, zona periférica de Juazeiro – BA, é simbólica e carrega consigo uma carga histórica significativa. Este bairro periférico, muitas vezes esquecido e marginalizado, é um reflexo das políticas de higienização dos centros urbanos que ocorreram no início do século XX.

A escolha consciente de estabelecer a sede do grupo em uma área periférica como o Quidé não é apenas uma questão de conveniência logística, mas sim uma declaração política e cultural. Ao situar-se em uma região historicamente negligenciada e estigmatizada, os Filhos de Zaze estão desafiando ativamente as hierarquias espaciais e reivindicando seu espaço na cidade. A presença do grupo nesta área periférica é um lembrete poderoso da riqueza e vitalidade das tradições afro-brasileiras que muitas vezes são marginalizadas e invisibilizadas.

As danças do afoxé representam uma forma poderosa de expressão cultural e espiritualidade, enraizada nas tradições afro-brasileiras e carregando consigo séculos de história e significado. O grupo dos Filhos de Zaze, composto por cerca de 15 a 20 membros que formam a banda, é apenas uma parte visível de uma comunidade muito maior e mais diversa. Quando consideramos a participação e o apoio da comunidade do Quidé, o bairro com a maior concentração de terreiros da região, percebemos que os Filhos de Zaze representam não apenas um grupo de música e dança, mas sim um ponto de convergência e celebração para toda uma comunidade.

A música e a dança do afoxé estão intrinsecamente ligadas à espiritualidade e às práticas religiosas das tradições afro-brasileiras. Com percussão envolvente, tambores pulsantes e cânticos que ecoam ancestralidade e devoção, as apresentações dos Filhos de Zaze transcendem o entretenimento e se tornam uma forma de resistência e afirmação cultural. Através da arte e da música, o grupo desafia ativamente o racismo e o preconceito que ainda permeiam a região, reivindicando sua identidade e promovendo a valorização das tradições afrodescendentes.

Além disso, as danças do afoxé também desempenham um papel crucial na preservação e transmissão da memória coletiva da comunidade. Cada passo, cada batida de tambor conta uma história, evocando as experiências e lutas dos antepassados e celebrando a resiliência e a resistência do povo negro. Ao participar das danças do afoxé, os membros dos Filhos de Zaze e toda a comunidade do Quidé estão se conectando com suas raízes culturais e fortalecendo os laços que os unem como uma comunidade. Assim, as danças do afoxé não são apenas uma forma de entretenimento, mas sim uma ferramenta poderosa para a construção de identidade, resistência e empoderamento na luta contra a discriminação e a injustiça.

Os diversos debates sobre democracia racial e, principalmente, a atuação do Movimento Negro Unificado contribuíram para a articulação de uma consciência política na população negra, que podemos ver refletido na fala abaixo de José Rosa, presidente e fundador do Afoxé Filhos de Zaze “a gente tinha que mostrar a cara, porque a gente ainda enfrenta muita resistência e uma das coisas que vem quebrando essa resistência, quebrando essas barreiras é o afoxé Filhos de Zaze” (Rosa, 2019).

Dessa forma, a criação do Zaze, em 2011, que teve como objetivo principal ultrapassar as barreiras do racismo e do preconceito religioso, relaciona-se à formação de uma consciência racial ligada ao surgimento de um movimento social e político para mostrar a presença do negro na sociedade, tomando como espaço um lugar que lhe foi negado, como as ruas e avenidas do circuito oficial nos dias de carnaval. Assim, o Zaze faz da arte um dos caminhos para lutar contra o racismo e toda a forma de opressão que violentamente atinge os negros e as negras, principalmente, os povos de terreiro.

O grupo é constituído por pessoas que, atualmente, conhecem o seu papel na história e lutam politicamente para que seu lugar seja reconhecido, ainda que para isso seja necessário sair para

as ruas combatendo o racismo de frente, pois “a crescente valorização da musicalidade e da dança de origem africana fez com que estas rompessem os limites dos terreiros e ganhassem as ruas” (Silva, 2005, p.97). José Rosa, presidente e fundador do Zaze nos conta um pouco como começou:

Iniciamos todos os trabalhos em 2011, com foco no carnaval de 2012, a minha ideia era partir logo e fundar o afoxé para não entrar no pleito eleitoral, porque se não alguém ia dizer que isso era coisa política. [...] nós viemos, fui lá no comércio e comprei umas camisas e a primeira imagem que nós estampamos na camisa foi a de Xangô (Rosa, 2019).

A fala de José Rosa apresenta alguns pontos caros para o debate e importantes para serem problematizados, a exemplo da imagem de Xangô estampada na camisa do afoxé. O uso dessa estampa representa uma atitude de enfrentamento e consciência política da religião, a qual muitos seguidores do grupo professam. Eles assumiram o Candomblé como sua religião, saíram das quatro paredes do terreiro e ganharam as ruas, enfrentando uma sociedade formada por valores cristãos ocidentais, a qual, nos diferentes contextos históricos, negou, desqualificou, xingou e humilhou aqueles se autodeclararam como membros das religiões de matrizes africanas.

Essa valorização e empoderamento da beleza negra seguem na contramão dos padrões de beleza criados e difundidos pela sociedade ocidental, a qual durante muito tempo negou a estética negra, evidenciando um modelo que se dizia universal, mas que ganha outros sentidos a partir de iniciativas como as protagonizadas pelos Filhos de Zaze. A fala de Nilma Lino Gomes (2012) nos permite tal interpretação:

Ao ressignificar a raça, o movimento negro indaga a própria história do Brasil e da população negra em nosso país, constrói novos enunciados e instrumentos teóricos, ideológicos, políticos e analíticos para explicar como o racismo brasileiro opera não somente na estrutura do Estado, mas também na vida cotidiana das suas próprias vítimas. Ao politizar a raça (...) retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social; coloca em xeque o mito da democracia racial (Gomes, 2012, p. 731).

Nesse sentido, ao colocar na avenida de carnaval um trio elétrico composto por homens, mulheres, idosos e crianças pretas, candomblecistas, em sua maioria, o Zaze ultrapassou as

barreiras do racismo e do preconceito ao valorizar a cultura e os traços negros de seus povos. Abaixo temos algumas fotos do carnaval de 2014 (Figura 1).



Figura 1: Afoxé Filhos de Zaze carnaval de 2014. Acervo: José Rosa.

É nesse contexto que os Filhos de Zaze, com a proteção de Exu – divindade dona dos caminhos e de Xangô, seu orixá patrono, cruzam as fronteiras do racismo em Juazeiro e ocupam os espaços oficiais da folia, vestindo as ruas da cidade com as cores vermelho e branco, ostentando símbolos religiosos da cultura negra, como torsos, fios de conta e roupas no estilo africano ornadas com palha de costa e búzios. De fato, uma significativa representação dos terreiros nas ruas, onde o povo, embalado pelo som dos tambores e de outros instrumentos percussivos, canta e dança músicas que falam sobre a condição de ser negro no Brasil, as lutas contra o racismo e a valorização do protagonismo periférico para a construção de novas narrativas históricas cada vez mais empretecidas.

Nessa perspectiva, o Zaze criou o evento “Musa do Zaze” que trata da valorização, da representação positiva e do empoderamento da beleza da mulher negra, já que para participar da seleção existem alguns requisitos e um deles é ser negra. Destacamos a importância dessa iniciativa na comunidade do Quidé (Juazeiro-BA), onde está localizada a sede do grupo, pois, durante muito tempo as crianças negras cresceram com um único modelo de padrão de beleza: a boneca Barbie, branca, loira e de cabelo liso; desenvolvendo um sentimento de inferioridade por não se encaixar em um padrão que era entendido como universal. Esse quadro pode ser problematizado através de ações como essa do grupo. Na figura abaixo temos um cartaz de divulgação do evento (Figura 2).



Figura 2: Cartaz do evento Musa da negritude, 2015. Acervo: José Rosa.

A imagem acima reforça a forma singular da mulher negra se arrumar: brincos grandes e coloridos, o penteado do cabelo, traz também instrumentos de percussão ligados à cultura africana, sendo o objetivo do evento que as meninas se arrumem dessa forma, com acessórios e roupas que representam a sua cultura, iniciando um processo de identificação e de pertencimento à negritude (Figura 3).

A partir de propostas como essas e das participações em carnavais ao longo dos anos, o grupo começou a ganhar destaque nas cidades de Juazeiro, Petrolina e as circunvizinhas, pois, o grupo passou a mostrar os aspectos culturais das religiões de matrizes africanas, virando referência na luta contra o racismo e sendo espelho para outras manifestações culturais (Figura 4 e 5).



Figura 3: Escolha da Musa do Zaze ou negritude em 2014, com a faixa de musa, Albânia. Acervo: José Rosa.



Figura 5: Entrevista dos Filhos de Zaze para a TV São Francisco, 2015. Acervo: José Rosa

Essa imagem do Zaze na TV aberta mostra a importância e valorização que o grupo vem ganhando ao longo dos anos desde sua criação, alcançando lugares que sempre foi negado ao povo preto e as religiões africanas, então, o momento de ir conceder uma entrevista e falar

sobre a criação do grupo e sobre as pautas e manifestações negras foi essencial para que alcançasse a população que não conhece as manifestações culturais da região.



Figura 6: I Encontro de fortalecimento aos povos de Juazeiro e Petrolina na Univasf de Juazeiro, 2015. Acervo: José Rosa.

A partir de todas essas ações citadas até aqui, os Filhos de Zaze começaram a ganhar destaque no Vale do São Francisco, trazendo mais visibilidade para todas as manifestações culturais existentes na região e sendo um grupo encorajador na luta contra o racismo. Encontramos, mais uma vez, amparo na fala de Zenaide Rosa:

Do período mesmo do afoxé pra cá de 2012/2013 a comunidade ganhou muito mais visibilidade nesse sentido de melhorias, porque é um grupo forte, é um grupo que tá crescendo, é um grupo que faz a diferença, que não ficou na comunidade ele foi se mostrar mesmo pro mundo; porque já existe, cidades e estados que já tem o conhecimento da existência do afoxé e por isso as autoridades locais e governamentais eles já tem um olhar mais atencioso pro bairro, e o preconceito diminuiu, porque por exemplo, há uns 10 anos pra cá, que ai a gente já começou a fazer algumas atividades em cima disso as pessoas, os jovens já tem uma resposta quando alguém lhe chama a atenção por conta de sua cor, por conta de seu cabelo, por conta de sua religião, eles já tem argumento pra se defender, já usa mais suas características de cabelo, de roupa, que mostra sua identidade, já começaram a se aceitar mais, já vão livremente para os candomblés, já vão livremente para uma festa que o afoxé promove, não só o afoxé mas qualquer outro lugar que vai já faz suas compras vestidos com roupa do axé, sem problema nenhum coisa que alguns anos atrás ninguém ousava fazer, eu soube de história de pessoas de que quando ia para o terreiro levava o veste numa bolsa para se trocar lá, não porque não teve

tempo de se organizar, mas porque não queria ser visto usando aquelas indumentárias (Rosa, 2019).

O relato de Zenaide Rosa nos remete a pensar sobre o aumento dos movimentos sociais nos últimos anos e a visibilidade que esses grupos passaram a ter. Nesse sentido, as ações do afoxé Filhos de Zaze ganharam destaque nas cidades de Juazeiro, Petrolina e as circunvizinhas, pois, o grupo passou a mostrar os aspectos culturais das religiões de matrizes africanas, virando referência na luta contra o racismo.

Como também sobre a ocupação de pautas políticas com foco na superação das desigualdades sociais e raciais, entre outras reivindicações, para que rompam com o silêncio ensurdecedor e complacente que a temática tinha na região, sedimentando, contudo, a luta dos movimentos negros pela escrita de novas versões da História.

Considerações Finais

Este artigo é apenas um projeto da dissertação de mestrado em andamento. Investigar temas relacionados à cultura afro-brasileira em um contexto acadêmico é uma tarefa desafiadora e, ao mesmo tempo, um ato político em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural. Ao trazer à tona a contextualização do surgimento das religiões de matriz africana no Brasil e os objetivos que motivaram a criação do Afoxé Filhos de Zaze na cidade de Juazeiro, Bahia, nosso objetivo é não apenas compreender essas manifestações culturais, mas também dar voz e mais visibilidade, dentro do ambiente acadêmico, às comunidades afrodescendentes que as praticam.

As próximas etapas da pesquisa envolvem a ampliação das entrevistas utilizando a metodologia de História Oral. Através dessas entrevistas, buscamos não apenas aprofundar nossa compreensão dos sentidos, conceitos, significados e impactos que o grupo Afoxé Filhos de Zaze tem na sociedade, mas também divulgar os próprios participantes, como sujeitos de sua história.

No entanto, é importante ressaltar que enfrentamos desafios significativos na condução desta pesquisa, especialmente no que diz respeito à localização e reunião de fontes de informação sobre o assunto. A falta de documentação e o desprestígio dado a essas temáticas, especialmente nos espaços de educação formal do Vale do São Francisco, evidenciam a

necessidade urgente de uma maior valorização e estudo das manifestações culturais afro-brasileiras nesta região. Essas manifestações representam um rico patrimônio cultural que merece ser reconhecido, preservado e estudado de forma mais abrangente e respeitosa.

Referências

ANDRADE, S. R. de. 2013. História das religiões e das religiosidades. 2013. In: Eduardo Filho Maranhão, (Org). (Re)conhecendo o sagrado: reflexões teórico-metodológicas dos estudos de religiões e religiosidades. São Paulo: Fonte Editorial, p. 9 -27.

BASTIDE, R. 1961. O candomblé da Bahia: rito nagô. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

BURKE, P. 2010. Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800. São Paulo: Companhia das letras.

CACCIATORE, O. G. 1977. Dicionário de cultos afrobrasileiros. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

CÂMARA CASCUDO, L. da. 1985. Superstição no Brasil. Belo Horizonte, Editora Itatiaia.

CERTEAU, M. de. 1998. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

GOMES, N. L. 2012. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. Educação e Sociedade (Impresso), v.33, p. 727-744.

LIMA, I. M. de F. 2007. Toadas de maracatu e músicas de afoxés: ressignificação de valores, sentidos e tradições na cultura afrodescendente pernambucana. A cor das Letras (UEFS), v. 1, p.153-170.

LODY, R. G. 1976. Afoxé [Cadernos de Folclore]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura.

QUEIROZ, Martha Rosa F. 2010. Onde a cultura é política. Movimento Negro, afoxés e maracatus no carnaval do Recife (1979-1995). Tese de doutorado, UnB, Brasília, Brasil.

SILVA, V. G. da. 2005. Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro.

SILVA, V. G. da. 2010. Formação e dinâmicas das religiões afro-brasileiras. In: Eliana Moura da Silva, Karina Kosicki Bellotti, Leonildo Silveira Campos (Orgs.). *Religião e sociedade na América Latina*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, p. 93-100.

SOUZA, E. de M. 2010. *Ekodidé: Relações de gênero no contexto dos afoxés de culto nagô no Recife*. Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife, Brasil.

Entrevista:

ROSA, J. R. da S. José Rosa da Silva: depoimento [dez. 2019]. Entrevistador: Flávia Vieira de Sá Barreto. Bahia: Juazeiro, 1 de dez. 2019.